



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

MATHEUS MARTINS SOARES DA SILVA

**APONTAMENTOS E QUESTÕES SOBRE: FILOSOFIA, UNIVERSIDADE E
SOCIEDADE**

**BRASILIA
2023**

MATHEUS MARTINS SOARES DA SILVA

**APONTAMENTOS E QUESTÕES SOBRE: FILOSOFIA, UNIVERSIDADE E
SOCIEDADE**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Alessandro de Melo Basali

**BRASILIA
2023**

MATHEUS MARTINS SOARES DA SILVA

**APONTAMENTOS E QUESTÕES SOBRE: FILOSOFIA, UNIVERSIDADE E
SOCIEDADE**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Rogério Alessandro de Melo Basali – orientador

Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes

Brasília, 27 de julho de 2023.

RESUMO

No presente trabalho pretende-se investigar o sentimento de distância da filosofia com a sociedade brasileira atual. Assim, serão feitos alguns apontamentos e proposituras de questões sobre a filosofia e sobre sua relação com o cotidiano. Em seguida, compreendendo que a profissionalização da filosofia se dá por meio das universidades, faz-se necessário um questionamento da situação das universidades. Por sua vez, estas são compreendidas, aqui, como uma das tantas manifestações da sociedade. Logo, elas mantêm uma relação dialética em que tanto a universidade quanto a sociedade se moldam mutuamente, o que requer uma elucidação da sociedade contemporânea e de que maneira ela concebe a universidade. Dada a exposição, o sentimento de distância da filosofia – e das universidades – com a sociedade deriva da sua própria essência: de ser inútil a ela, pois é necessariamente livre.

Palavras-chave: Filosofia; Universidade; Sociedade.

ABSTRACT

The present work intends to investigate a feeling of distance between philosophy and current Brazilian society. Thus, some notes and questions about philosophy and its relationship with everyday life will be made. Then, understanding that the professionalization of philosophy takes place in the universities, it is necessary to question the situation of them. In turn, these are understood here as one of the many manifestations of society. Therefore, they maintain a dialectical relationship in which both the university and society mold each other, which requires an elucidation of contemporary society and how it conceives the university. Given the exposition, the feeling of distance between philosophy - and universities - and society derives from its very essence: from being useless to society, as it is necessarily free.

Keywords: Philosophy; University; Society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1.1 OBJETIVO GERAL	6
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
2 CABE PERGUNTAR: O QUE É FILOSOFIA?	9
2.1 CARACTERÍSTICAS DO FILOSOFAR	12
2.2 FILOSOFIA E COTIDIANO	18
2.3 FILOSOFIA E UNIVERSIDADE	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO

Para começar o presente trabalho, será utilizada uma história ocorrida durante o encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) de 2022, em Goiânia. Durante o feriado nacional do dia de Nossa Senhora Aparecida, a maioria dos restaurantes e lanchonetes se encontravam em repouso pela manhã. Contudo, havia uma lanchonete simples, uma das poucas lanchonetes abertas, próxima às dependências do Centro de Salas “D”, da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde grande parte das atividades dos Grupos de Trabalho e das Sessões Temáticas eram realizadas. Quem sentisse uma eventual fome muito provavelmente acabaria indo a essa lanchonete em especial, e muito provavelmente seriam pessoas participantes da ANPOF. Esse foi o caso do autor deste presente trabalho e de outros três participantes do evento que o autor encontrou por lá. Falavam sobre um tema a respeito de algum filósofo consagrado pela tradição ocidental. Eis que, em meio à conversa dos três, o atendente se aproxima com seus respectivos pedidos e pergunta “vem cá, mas o que é mesmo filosofia? Pois eu sabia mas agora esqueci”. Os três se entreolharam por um breve momento e um deles respondeu: “é uma área que trata de coisas do conhecimento”, e outro completa “da ética”. O atendente, então, respondeu “ah sim” e retornou para o balcão.

Assim, o tema deste trabalho é Filosofia, universidade, sociedade brasileira contemporânea e suas relações. Diz-se que a sociedade teria muito a ganhar com a filosofia, ou, pelo contrário, que seria hora de abandoná-la. Para respondermos o que a filosofia, transmitida na universidade, pode melhorar na sociedade ou se é melhor descartá-la de uma vez por todas, é preciso, primeiro, deixar minimamente claro o que vem a ser filosofia.

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo central deste trabalho é investigar o sentimento de distância entre a filosofia profissionalizada e a sociedade atual. A universidade se faz imprescindível para a discussão, pois é ela a principal fonte da filosofia formal atualmente. A universidade, sendo uma forma de manifestação da vida social do ser humano, só pode ser compreendida em sua totalidade caso se compreenda o cenário em que está inserida, ou seja, a sociedade em que está inserida. O sentimento de distância, estranheza e irrelevância da sociedade para com a filosofia, mesmo que profissionalizada, deriva do caráter fatalista político-social da visão de mundo observada na sociedade. Esse fatalismo vê a universidade como organização, isto é, voltada para as demandas atuais, para os interesses e necessidades vigentes da sociedade, onde o ensino é

reduzido a “aprender a fazer, a preparo para o chamado mercado, o mundo do trabalho e a sociedade em mudanças cada vez mais rápidas” (Coelho, 2016, p. 94). Nesse modelo não se vê espaço (nem tempo) para atitudes questionadoras, críticas e reflexivas, típicas da filosofia.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, propõe-se o seguinte caminho: o que é filosofia; a profissionalização da filosofia pela universidade, compreendida através dos conceitos de instituição e organização social; a relação da filosofia, filosofia profissional e sua atual presença na sociedade.

No que diz respeito ao esclarecimento e apresentação do que é filosofia, será introduzida uma abordagem do que é filosofia como filosofar, ou seja, a partir dela mesma, sendo a maneira genuinamente filosófica e adequada de se expor e lidar com a questão. Em seguida, quais são as características fundamentais da filosofia. Por fim, é essencial um levantamento sobre como surge a filosofia, mas não sua origem cronológica advinda da clássica narrativa ocidental da Grécia Antiga, mas o que leva à filosofia e, mais precisamente, ao filosofar.

A filosofia se encontra hoje profissionalizada. Não há como falar de filosofia e contemporaneidade sem falar das universidades, pois é nesse espaço que se formam profissionais da filosofia. É, desse modo, crucial abordar as universidades, sendo elas o principal meio de veiculação da filosofia, sob duas concepções de universidade: como instituição e como organização sociais.

Enquanto instituição ou organização social, a universidade é compreendida como sendo uma manifestação da vida do ser humano em sociedade. Assim, uma apresentação dessa sociedade se faz necessária, já que a universidade não pode ser entendida como uma realidade paralela, alheia à sociedade. A universidade, nesse contexto, carrega consigo as marcas, as imposições, os anseios, as características da sociedade na qual está inserida (mesmo que isso ocorra com questionamentos e problematizações).

O sentimento de distanciamento entre a sociedade e a universidade deriva da forma como a sociedade se apresenta atualmente, que é por meio de um projeto tecnocientífico informacional de tornar o homem o senhor de tudo, sob a ideologia neoliberal. Nessa visão de mundo, a realidade se mostra pelo viés da disponibilidade para a exploração, em que as ciências e a técnica são utilizadas para assegurar o todo, consolidando o projeto de torná-lo senhor da realidade.

Pensada dentro dessa ideologia, a universidade está sujeita às demandas do mercado, como organização social, onde o ensino é um aprender a fazer. Essa concepção de universidade contrasta com sua legítima função de instituição social que é cuidar da “investigação e transmissão crítica do legado da humanidade” (Coêlho, 2016, p. 92).

Com isso, é possível apontar uma possível causa para este sentimento de distanciamento da universidade para com a sociedade: de fato ela não deixa de reproduzir a sociedade, mas também pensa a sociedade, reflete sobre ela e a questiona. Mas com essa dinâmica, nem a universidade se manifesta livremente nem a sociedade fica satisfeita com ela, causando esse sentimento de duas realidades paralelas. Ao interrogar a sociedade e suas bases, o modo de ser da universidade, torna-se “alvo de críticas, nem sempre respeitosa, porque ele está, por assim dizer, contrário à paz do cemitério desejada pelas instituições da ordem” (Guimarães, 2020, p. 167).

2 CABE PERGUNTAR: O QUE É FILOSOFIA?

A pretensão de se fazer uma exposição do que vem a ser filosofia, pelo menos de maneira filosófica, é uma tarefa que já em si é filosófica. Quando perguntamos o que vem a ser filosofia já estamos fazendo filosofia. Difere-se de quando o físico pergunta “O que é física?”, ou de quando o matemático pergunta “O que é matemática?”. O primeiro ainda não está fazendo física, tampouco o segundo está fazendo matemática. Agora, quando perguntamos “O que é filosofia?”, é possível adentrar diretamente na filosofia. Mas qual a razão de tal pergunta poder consistir uma atividade filosófica e as perguntas acerca da natureza de outras áreas da atividade humana não obedecerem essa dinâmica?

A pergunta “O que é filosofia?” pode ser respondida ou correspondida de várias maneiras. Pode-se recorrer à etimologia da palavra filosofia, mas isso pouco ajuda a compreender do que se trata, sobretudo para o indivíduo contemporâneo, que não faz parte da cultura grega antiga nem compartilha de sua língua.

Também é possível recorrer a uma procura rápida no dicionário (ou na internet, para ser mais atual), onde acabaremos com definições como:

1) FIL amor pela sabedoria, experimentado apenas pelo ser humano consciente de sua própria ignorância [Segundo autores clássicos, sentido original do termo, atribuído ao filósofo grego Pitágoras (sVI a.C.)]. **2)** FIL no *platonismo*, investigação da dimensão essencial e ontológica do mundo real, ultrapassando a mera opinião irrefletida do senso comum que se mantém cativa da realidade empírica e das aparências sensíveis. **3)** FIL no âmbito das relações com o conhecimento científico, conjunto de princípios teóricos que fundamentam, avaliam e sintetizam a miríade de ciências particulares, tendo contribuído de forma direta e indispensável para o surgimento e/ou desenvolvimento de muitos destes ramos do saber. **4)** FIL na dimensão metafísica, conjunto de especulações teóricas que compartilham com a religião a busca das verdades primeiras e incondicionadas, tais como as relativas à natureza de Deus, da alma e do universo, divergindo, entretanto, da fé por utilizar procedimentos argumentativos, lógicos e dedutivos. **5)** FIL no âmbito da relação entre teoria e prática, pensamento inicialmente contemplativo, em que o ser humano busca compreender a si mesmo e a realidade circundante, e que irá determinar, em seguida, o seu caráter prescritivo ou prático, voltado para a ação concreta e suas consequências éticas, políticas ou psicológicas. **6).** conjunto das obras filosóficas de um determinado autor; teoria, sistema, doutrina *⟨a f. de Platão⟩*. **7)** pensamento ou obra escrita de conteúdo filosófico *⟨nesta manhã, embebeu-se com a f. de Platão⟩*. **8)** conjunto de concepções filosóficas comuns a determinado grupo social; pensamento coletivo *⟨f. francesa⟩*. **9)** conjunto de princípios gerais que fundamentam um ramo da ciência ou da atividade humana *⟨f. da Matemática, da História⟩*. **10)** *p.ext. (da acp. 5)* conjunto de princípios para orientação na vida prática; razão, sabedoria *⟨pelos ditados e provérbios percebe-se muito da f. popular⟩* **10.1)** elevação ou serenidade de espírito, possibilitando a manutenção do ânimo e do humor frente às adversidades; sabedoria *⟨encarar os fatos com f.⟩* **11)** conjunto de ideias (de literato, teórico, letrista etc.) *⟨a f. de Freud⟩ ⟨a f. de Noel Rosa⟩*. (Filosofia, 2023, s.p.).

A primeira definição lida com o estudo da construção da palavra filosofia e sua origem grega, vista pela primeira vez no texto de Pitágoras. Já a segunda definição apresenta uma concepção de Platão, onde o termo passa por um aprofundamento em suas obras, tornando-o importante para um estudo de filosofia. As definições 3, 4 e 5 dizem respeito a uma filosofia como fundamento para algo, seja ele epistemológico (3), metafísico (4) ou antropológico-moral (5). Nas definições 6, 7 e 8 são mostradas diferentes formas de dividir a filosofia a partir de suas obras, seja pelos autores, grupos ou conteúdo. As definições 9 e 10 trazem, novamente, a concepção de filosofia como fundamento do conhecimento e da vida no geral. A definição 10.1, por sua vez, diz tratar-se de uma terapia da alma, um modo de viver elevado, por assim dizer. Por último, a definição 11 traz somente que filosofia é um conjunto de ideias.

Recorrer a estas elucidações de conceitos de maneira clara e sucinta é a maneira que a contemporaneidade tende a resolver problemas quando surge uma dúvida, quando não se sabe o significado de um termo ou para um breve esclarecimento. Aqui, a facilidade do acesso a tais informações, sobretudo por meio da internet e o atual uso da inteligência artificial, torna esse tipo de resposta um exemplo de uma boa resposta, pois já informa suficientemente o leitor, supostamente. Todavia, essa metodologia não é suficiente para responder filosoficamente à pergunta sobre o que vem a ser filosofia, pois dessa metodologia ainda não está sendo feita filosofia. Por meio desse método se obtém informações acerca do que se busca. A atividade filosófica pode até ser “uma maneira de desinformar-se, de descartar informações, de virar-se com o que se tem, de fazer reflexões minimais sem se deixar atordoar pelo excesso de dados” (Cabrera, 2013, p. 22). Informar-se sobre a filosofia é balizar ao redor de sua essência, ou seja, é falar sobre filosofia sem filosofar. As definições citadas podem fornecer certos indicativos do que é filosofia, mas ainda não está sendo feita filosofia. É um movimento parecido quando perguntamos o que é a vida. Não esperamos que o dicionário vá sanar todas nossas questões sobre a natureza da vida, mas pelo menos obtemos alguns acenos.

A pergunta só pode ser tratada filosoficamente se filosofar acerca dela. Com isso é possível dizer que filosofia é filosofar, até “porque filosofia não é nenhuma ‘disciplina’. Filosofar não é coisa de habilidade e técnica, muito menos um jogo de incursões desordenadas. Filosofia é filosofar e nada além disso.” (Heidegger, 2008, p. 11). Não se trata de uma simples verbalização do substantivo, mas de uma definição que coloca em evidência que é a atividade de filosofar a alma da filosofia. É do filosofar que nasce a filosofia. É da prática da filosofia que surge uma ou outra filosofia, ou melhor, as filosofias. Filosofias são os produtos do filosofar, que pode ser efetuado de diversas maneiras.

Com isso, o que vem a ser filosofar? Como ponto de partida, filosofar é buscar esclarecimento. Segundo Julio Cabrera, o “filosofar poderia ser visto, num viés um tanto romântico, como a maneira fundamental de instalação do homem no mundo, uma maneira insegura, temerosa, ignorante, insatisfeita, desejante, incompleta” (Cabrera, 2013, p. 21). Nesse viés, todos os seres humanos seriam filósofos, já que este desamparo da finitude que fala Cabrera é intrínseco a todo ser humano. O ser humano se depara com um mundo que lhe é dado e percebe que há uma falta de esclarecimento: o que é a vida; qual a razão da morte; de onde viemos; entre outras várias perguntas essenciais. A falta de esclarecimento, evidenciado pelas perguntas, é comum a todos os seres humanos, de onde pode ser dito que a filosofia é universal¹. Diante dessa falta, surge a busca pelo desvelamento da realidade, a busca da verdade. Grande parte das pessoas não se aprofundam em tais questões, optando por deixá-las de lado ou aceitar as respostas que lhe são oferecidas. Essa definição diz que as pessoas nascem, inevitavelmente, com a capacidade de filosofar, embora nem todas a exerçam.

Adiante, Julio Cabrera segue propondo um segundo pensamento, o qual diz que os filósofos são raríssimos, pois seriam aqueles que fazem dessa falta de esclarecimento o principal motor de suas vidas, “aquele humano que ousa lançar-se sobre seu desamparo e incompletude com paixão reflexiva, com menos medo da loucura que da mediania” (Cabrera, 2013, p. 21). Esse segundo pensamento é a maneira como comumente é concebida a figura do filósofo. Como uma pessoa que dedicou toda a sua vida a filosofar, seja qual forma tomou aqueles pensamentos. Ao falar “Sócrates foi um filósofo”, remete-se àquela figura mais mítica que histórica da pessoa que foi Sócrates, que decidiu até mesmo morrer antes de levar uma vida a qual iria contra sua filosofia². Ao falar de Nietzsche, a imagem criada é a de uma pessoa altamente imersa no seu filosofar com o martelo, desconstruindo as bases da razão, do cristianismo, da moral, que lidava com uma doença que causava dores de cabeça extremas, que ao invés de atrapalhar seu filosofar, dava-lhe ímpeto para escrever mais, segundo o próprio filósofo³. Muitos outros exemplos de diversos outros períodos e tradições são possíveis, mas o intuito é mostrar que a figura daquele que usualmente é chamado e reconhecido como filósofo, aquele que utilizou sua vida como uma busca pelo esclarecimento da realidade.

¹ A característica de universalidade deriva do interesse de todos os seres humanos, mas não deixa de ser sempre situada. Isso não significa que a universalidade do pensamento filosófico deriva de uma racionalidade pura, uma neutralidade pura, sem história ou referência. Na verdade, como será exposto, a filosofia emerge sempre de um determinado lugar situado historicamente, temporalmente, culturalmente... e tal filosofia não nasce universal, ela se constrói, e mesmo essa universalidade dela não atinge a toda a humanidade de maneira singular (Cabrera, 2014).

² Os textos platônicos em que Sócrates é acusado e condenado pelos atenienses à morte, bem como a consumação do fato, podem ser encontrados nos diálogos *Eutífron*, *Apologia*, *Críton* (2023) e *Fédon* (2016).

³ Como diz o próprio autor em sua obra *Ecce Homo* (Nietzsche, 2008).

Uma vez que o desamparo da finitude é fundamental aos humanos, mesmo que as atitudes diante de tal fato variem, pode ser dito que a busca por esclarecimento dessa mesma finitude misteriosa, o filosofar, também o é. Sua relação com a realidade, em algum momento e de alguma forma, será questionada, fundamentando o ser humano diante de sua finitude. Assim, pode ser dito que filosofia trata de questões fundamentais, em um questionamento que pretende buscar os fundamentos ao mesmo tempo que os revisa. É diferente quando se diz que se trata de fundamentar algo. Não é necessário fundamentar algo para que esse algo seja filosofia, por exemplo, religiões, doutrinas e até construções civis seriam consideradas filosofias, sobre esse aspecto. O que configura a atividade filosófica é esta investigação de buscar e revisar. A busca diz respeito à eterna procura de compreender melhor a realidade, e a revisão garante que resultados de buscas passadas não sejam tidas como absolutas e inquestionáveis, nem como absurdas e insustentáveis. Cabe sempre perguntar o porquê de algo, principalmente se este algo for tido como óbvio e inquestionável, natural ou tradicional. Esse questionamento levado ao extremo é o principal aspecto da atitude filosófica, que é, como proposto acima, buscar e revisar o fundamento de algo, ou seja, buscar o fundamento de algo questionando-o.

2.1 CARACTERÍSTICAS DO FILOSOFAR

A atividade filosófica não é bem definida, única, sempre a mesma, com os mesmos temas, mesmas metodologias, mesmos resultados, mesmos problemas. Até mesmo “os próprios filósofos europeus (e não apenas eles) produziram, com o nome de filosofia, todo tipo de texto” (Cabrera, 2014, p. 23). É, portanto, uma atividade que é plural. Há de se falar em filosofias antes de uma ou “a” filosofia.

A existência de diversas filosofias é inclusive fundamental para a manutenção delas. Uma filosofia busca esclarecer a realidade. Ao fazê-lo, ela pretende mostrar algo que antes não era problematizado ou o era de maneira inadequada. Por si, uma filosofia é incapaz de mostrar todos os seus limites. Mesmo as fragilidades observadas por ela mesma terão um caráter construtivo sobre si. Somente outras filosofias conseguem apontar os limites que uma determinada filosofia apresenta. Uma filosofia de caráter existencial, por exemplo, dirá que uma filosofia analítica deixa de lado aspectos imprescindíveis da vida humana em prol da argumentação, enquanto uma filosofia analítica pode acusar essa mesma filosofia de falta de coerência argumentativa em prol da exposição ou do estilo, mas ambas reconhecem a outra e não lhe negam o direito de existir, apenas a sua pretensão de ser a mais perfeita, por assim dizer.

O pluralismo negativo aqui citado é frutífero para as filosofias pois “os problemas expostos mediante uma perspectiva particular não encontrarão melhor compreensão e tratamento apenas na sua própria metodologia e categorias, mas em um cruzamento de métodos e de categorias, o que será mais esclarecedor e mais profundo” (Cabrera, 2003, p. 272).

Duas são as formas legítimas das filosofias se relacionarem: por meio da articulação e pela exclusão. Exclusão é aquela em que uma filosofia nega a universalidade de outra filosofia, ainda que não lhe negue o direito de existir. A articulação, por sua vez, também nega essa pretensão à universalidade, mas possui níveis de acordo com a outra, podendo até mesmo uma filosofia tentar reformular, com suas categorias, uma outra inteiramente:

Por exemplo, filosofias analíticas podem incorporar elementos transcendentais (a lógica transcendental do *Tractatus*) ou fenomenológicos (o tratamento analítico da intencionalidade, por Searle), ou articular-se com filosofias metacríticas (dentro de certos limites), enquanto todos esses elementos (transcendentais, fenomenológicos, metacríticos) não contenham elementos hermenêuticos (chamo essas relações de articulação – sejam de cooperação, complemento, etc.) (Cabrera, 2003, p. 273).

Nociva à filosofia é a atitude eliminativa (Cabrera, 2003), que defende sua filosofia como a superior e quaisquer outras formas devem deixar de existir, sob o projeto de diversas atitudes que visam esses fins, como dizer “que são erradas, eliminá-las, deixá-las fora de jogo, às vezes injuriá-las e considerá-las como ‘não sérias’, ‘perigosas’ e até ‘moralmente desonestas’, negando-lhes o direito a existir” (Cabrera, 2003, p. 276). O projeto de eliminar outras filosofias pressupõe uma filosofia perfeita e universal, capaz de esclarecer todos os problemas da realidade, em que as outras não passariam de filosofias falsas. Todavia, há tantas filosofias quanto pessoas no mundo. Diante dessas filosofias, a eliminação é um atentado quanto ao direito dessas filosofias existirem. É uma afronta ao próprio ser humano, pois impedirá que este investigue o mundo, que busque esclarecimento, que o impeça de investigar a realidade.

Tendo em vista a pluralidade do filosofar, este trabalho deve ser compreendido como uma abordagem do que é filosofia em meio a tantas outras tentativas similares. O foco, aqui, tem em vista ser o mais claro possível para o público em geral, não com o intuito de apresentar aquela que será a mais verossímil, a mais atemporal ou a “melhor”. Significa que, na tentativa de apresentar claramente a filosofia, será feita uma forma de filosofar, onde uma forma de filosofia surgirá. Não há uma maneira única de se fazer filosofia, tampouco de apresentá-la ou ensiná-la. Propor que uma forma de filosofar seja a melhor, por assim dizer, é uma tarefa no mínimo questionável e deve se tomar cuidado para não cair em uma atitude eliminatória. A tradição oferece ótimas produções filosóficas, mas em nenhum momento uma deve ser a norma, que se sobreponha às demais.

Além do pluralismo, o meio de onde surge a filosofia é crucial para sua construção. Isso se deve ao fato de que a filosofia se relaciona com as circunstâncias da qual é produzida, um pensar “desde”, que não é somente em relação à sua nacionalidade, mas também sua circunstância reflexiva (Cabrera, 2014). Ou seja, o “contexto” no qual a filosofia é produzida é fundamental para sua elaboração e manutenção. A filosofia produzida na Grécia Antiga é de um tipo, que é diversa daquela produzida na Argentina nos dias atuais, e ambas diferem da filosofia alemã produzida no período da Segunda Guerra Mundial. Não significa que é uma marca determinante da produção filosófica, já que o “a partir de”, compreendido como a nação da qual determinada filosofia é feita, pode ser ignorado, tido como referência primordial, combatido, entre outras atitudes. Também importa o que é feito em relação a esse contexto o qual determinada filosofia emerge, o “desde”, que é “a atitude existencial assumida diante dela: alguns conseguem deixá-la totalmente de lado, outros ficam retidos a ela de maneira tirânica, e há todas as gamas possíveis entre estes dois extremos” (Cabrera, 2014, p. 29).

Filosofar trata-se, portanto, de uma atividade. Atividade esta que só pode ser exercida por pessoas. Animais, deuses, galáxias e elementos químicos não se perguntam sobre o que é a vida, nem se é válido concluir que Sócrates é mortal a partir das premissas que todo humano é mortal e Sócrates é um humano, tampouco se questionam sobre a natureza do mal. Animais estão muito ocupados exercendo seus instintos, deuses não se perguntam tais coisas pois já têm as respostas, galáxias preferem se chocar umas com as outras que filosofar e elementos químicos estão mais preocupados em fazer suas ligações do que em filosofar. Uma vez que consiste em uma das atividades humanas, o filosofar está sujeito às limitações humanas. Significa dizer que a atividade será afetada por questões espaciais, temporais, culturais, psicológicas, ou seja, por questões humanas.

Mas o filosofar não é um conhecimento ao lado dos demais, como ao lado da física, das ciências sociais, da matemática ou química; é mais uma reflexão sobre o que sabemos e ignoramos do que uma obtenção a mais de conhecimentos. Dessa forma, quanto maior as coisas que o ser humano conhece, maior será o alcance da filosofia.

Uma vez que o ser humano pensa sobre as questões fundamentais em seu “desde”, ele as exterioriza através da linguagem por meio do discurso⁴. O discurso é o instrumento da

⁴ É possível imaginar uma transmissão de um questionamento profundo, busca da verdade com intenção à universalidade que se dê através de conteúdos imagéticos, por exemplo. O fato de que a filosofia se fez, vem se fazendo e muito provavelmente continuará a ser feita através do discurso escrito não é uma característica necessária da filosofia, mas sim contingente. Como diz Cabrera, “as ideias filosóficas foram expressas de forma literária naturalmente, sem maior autorreflexão. Mas quem disse que deve ser assim? Existe alguma ligação interna e necessária entre a escrita e a problematização filosófica do mundo? Por que as imagens não introduziriam problematizações filosóficas, tão contundentes, ou mais ainda, do que as veiculadas pela escrita? Não parece haver

filosofia para se efetuar. Um sábio pode se dar ao luxo de não dizer nada, mas o filósofo não (Comte-Sponville, 2005). Nem todos os filósofos escreveram, mas todos intuíram e falaram. O filosofar lida com os fundamentos da realidade, por sua vez inexperimentáveis⁵ pelas sensações, por meio dos discursos. A isso nomeou-se abstração, que é extrair da realidade um discurso, uma fala. Abstrair é uma exímia maneira de transmitir o que se pretende por meio da criação de conceitos, e já foi até mesmo considerada a essência da filosofia (Deleuze; Guattari, 1991).

O discurso filosófico está sujeito, também, à linguagem e suas nuances: está sujeito, por exemplo, à ambiguidade, temporalidade, polissemia e a outras questões. É exercido por meio de palavras, que, por serem símbolos fonéticos humanos convencionais, “dependem de uma tradição. Uma tradição que admite modificações.” (Dreher, 1977, p. 75). A fala filosófica é elaborada através de uma linguagem natural, mesmo que possa criar novas palavras ou modificar o significado usual delas para melhor transmitir o problema filosófico. Sendo assim, a linguagem utilizada é sempre de um povo em um determinado contexto.

Ademais, o discurso não é propriamente a realidade: é uma fotografia dela. Por mais que o discurso seja coeso, coerente, verdadeiro e claro, ele sempre mostrará apenas uma faceta da realidade, assim como a fotografia mostra apenas um recorte do que foi fotografado.

O filosofar nasce do ser humano enquanto ser finito que deseja saber mais a respeito do que o cerca. Dito de outra maneira, “ser homem é, fundamentalmente, aqui, empenhar-se contra o encobrimento do real pelo seu desencobrimento” (Fernandes, 2020a, p. 109). O ser humano desvela a realidade pois esta se mostra por meio da ocultação, da aparência do encobrimento, pode se referir ao mistério ou da aparência enganosa. O encobrimento como mistério constitui a natureza da manifestação da realidade, que se doa através da ocultação. Mas há o modo de encobrimento derivado que é aquele da aparência enganosa, em que o ser humano toma uma

nada na natureza do indagar filosófico que o condene inexoravelmente ao meio da escrita articulada. Poderíamos imaginar, em um mundo possível, uma cultura filosófica desenvolvida integralmente por fotografias ou dança, por exemplo. Nessa cultura possível, talvez as formas escritas de expressão fossem consideradas meramente estéticas ou meios de diversão” (2006, p. 7-8). Com isso, apesar de suas diversas formas de transmissão possíveis, o discurso ainda é privilegiado e será a forma aqui abordada, já que este próprio trabalho trata de uma exposição discursiva através da escrita. Para não deixar de lado toda essa problemática em relação à transmissão da filosofia, a leitura proposta para o termo discurso é: toda tentativa do pensamento se manifestar através dos mecanismos de expressão humana.

⁵ Segundo Edmundo H. Dreher (1977), o ser humano, desde sua gênese individual e como espécie, nasce com o que denominou “olho filosófico” e “olho científico”. O primeiro diz sobre a capacidade do homem de fazer ciência por meio do contato com as coisas experimentáveis, perceptíveis a olho nu ou por meio de instrumentos, direta ou indiretamente percebido pelas sensações, como a gravidade e as ondas eletromagnéticas. O segundo diz sobre a capacidade do homem de filosofar, em que lida com objetos não experimentáveis pelas sensações, mas intuído pelo intelecto. Seus objetos não podem ser trabalhados em laboratórios, como a justiça, a verdade, a vida ou o princípio de não contradição (Dreher, 1977). Essa diferenciação de olhares demonstra algumas das divergências entre o modo de proceder das ciências e da filosofia, acentuando o caráter não experimental e não demonstrável da filosofia.

coisa por outra ou a distorce (Fernandes, 2020a). Há a confusão entre o ser e o parecer ser, e cabe ao homem buscar a verdade por meio da investigação para não cair em erros. Caso tudo fosse evidente por si, não haveria motivo para o esclarecimento, conseqüentemente, não haveria espaço para a filosofia.

Esclarecer a realidade é uma tarefa um tanto quanto abrangente. São incontáveis os pontos de partida, os métodos, as conseqüências. São incontáveis as possibilidades que podem ser tomadas pelo filosofar. Uma parte fundamental, senão a parte fundamental propriamente dita, é o estabelecimento do problema (Porta, 2014). Estabelecer um problema significa mostrar o que deve ser esclarecido e qual a razão disso. Está em jogo, aqui, a falta de esclarecimento de algo que não está claro e que usualmente não é tido como problemático, mas como óbvio. Nesse sentido, o filosofar “se ocupa com a explicitação do óbvio. Na medida em que ele descobre o suposto como suposto, tematiza e problematiza o óbvio, descobrindo que neste se encerra uma dificuldade” (Porta, 2014, p. 48). A resposta para o problema, isto é, a tentativa de esclarecimento fornecida por cada um que filosofa, terá em vista o problema ao qual foi previamente estabelecido. É onde será delimitada a filosofia, seus objetivos, seus objetos, seus métodos e resultados⁶.

Assim, o problema não é algo que é dado, mas construído. Uma das formas mais diretas possíveis que podemos vislumbrar a respeito da problematização filosófica é na simples pergunta: O que é x? Por exemplo, o que é a justiça; o que é a mente; ou o que é a vida. O que se pretende nesse tipo de questionamento é ampliar nossa apreensão sobre aquilo que se questiona e não consumir a questão. É que em filosofia as ditas respostas não esgotam a questão, mas agravam ela, aprofundam e moldam aquele que pergunta. Por exemplo: quando questionamos a direção de algum local, a resposta da pergunta a extermina. Esta já não faz mais sentido, uma vez que a resposta esgotou a pergunta no sentido de contemplá-la por completo. Trata-se de uma questão prática do dia-a-dia e suas necessidades.

Desse modo, a resolução definitiva e esgotante não é modo como a filosofia lida com suas questões. A apreensão absoluta não é aquilo que a filosofia almeja. Onde se há a completa compreensão de algo não é possível que haja filosofia, uma vez que sua manifestação está entre

⁶ O problema não precisa ser algo completamente novo. Nada impede que alguém se proponha a lidar com um problema já estabelecido previamente, como, por exemplo, muitos pensaram sobre o problema da moral, da natureza humana ou da existência de alguma divindade. Seriam estes, inclusive, alguns temas recorrentes da filosofia ocidental ao longo de sua história. Entretanto, a abordagem deles é plural, como consiste na própria natureza da filosofia. O filosofar é feito de problemas, sim, mas também de possibilidades de respostas a estes, ainda que a resposta aponte para a impossibilidade de uma resposta, como uma aporia.

a sabedoria e a ignorância. Não há motivo para investigar algo se já se sabe tudo deste algo, e saber tudo, sobre qualquer coisa que seja, não é o caso para os humanos.

Agora, ao perguntarmos: O que é justiça? Não há resposta que esgote tal pergunta: a falta de resposta definitiva acena para a natureza filosófica da pergunta, da própria justiça e de nós mesmos. Em questões deste tipo, não há uma resposta, mas sim uma correspondência, isto é, uma correspondência construída através do próprio filosofar. É uma correspondência na medida em que exige uma atitude, uma posição acerca do objeto questionado, não propriamente uma resposta. Fazendo o uso do exemplo, a questão sobre a justiça nos compele a tomar uma posição acerca daquela concepção de justiça que afeta nosso próprio ser: a partir de nossa compreensão de justiça, teremos um posicionamento sobre quem consideramos ser justos, quais atitudes foram justas, se nós mesmos fomos justos, e assim vai. Não fazer este tipo de pergunta de caráter filosófico enrijece nossa percepção das coisas e de nós mesmos, nos fixa em um posicionamento que, mesmo fundado, não é uma resposta absoluta que faz perder o sentido de questões desse tipo. Vale ressaltar que a própria questão “o que é filosofia” está sujeita às mesmas nuances deste tipo de questão, ou seja, nunca pode se dar como acabada a questão. Este próprio trabalho, dessa forma, possui um caráter de correspondência à questão, de posicionamento, de enaltecimento da questão e de quem somos. É apresentada, pois, uma possibilidade entre tantas outras.

É necessário apontar que uma pergunta não é essencialmente filosófica, já que no caso da pergunta pela natureza da justiça, por exemplo, poderia ser simplesmente fornecida uma definição como cumprir as leis e se estar satisfeito com a resposta. A pergunta se torna filosófica pela “intencionalidade que se encontra por trás da própria pergunta e o foco ao qual essa pergunta se direciona” (Freitas, 2018, p. 137). O filosofar é uma atividade possível a todos, mas sua origem deriva de uma atitude especial, que será tratada posteriormente.

A não conformidade da filosofia permite apontar um limite dela: ela sempre deve começar de novo:

Não é por nunca chegar ao fim que a filosofia é finita. A finitude não reside no fim, mas no começo da filosofia; ou seja, a finitude precisa ser assumida em sua essência no conceito de filosofia. Decisivo não é querer trilhar infinitamente, porém até o fim, os caminhos uma vez conquistados, mas sempre voltar a traçar a cada vez um novo caminho (Heidegger, 2008, p. 27).

Ela não pode simplesmente tratar algo como óbvio e inquestionável, como uma verdade evidente por si. Ter um ponto de partida é diferente de ter um pedestal. A diferença entre filosofia e doutrina é que em filosofia o ponto de partida, não é uma evidência absoluta, uma resposta infalível, algo que tenha que ser defendido. Trata-se, em verdade, de seu exato oposto: o ponto de partida deve ser, necessariamente, questionado a fim de ser “testado”, isto é, a fim de averiguar se sua dita infalibilidade se sustenta ou se rompe diante de uma investigação.

Essa atividade de investigação consiste na própria natureza da filosofia mais do que no domínio das questões ou nas eventuais respostas e correspondas proporcionadas por pessoas ou grupos consagrados pela história. Isso porque, como dito, filosofia é filosofar. Não se trata de memorizar uma série de aprendizados que são considerados filosóficos, ou métodos e técnicas consagrados por alguma tradição. As filosofias em muito têm a nos ensinar, mas saber um grande número de filosofias não torna alguém filósofo.

A investigação em si é mais importante para sua definição que suas respostas, o “destino” da busca. Significa dizer que o objeto de estudo da filosofia não a define, como ocorre quando falamos que a física estuda fenômenos físicos, a biologia estuda a vida ou a teologia estuda aquilo que é voltado para o divino. A filosofia lida com o todo, com o tudo e com o nada, com o que foi, o que está sendo e o porvir, com qualquer coisa e coisa alguma, basta apenas filosofar. “Na filosofia, o que amamos não é a certeza nem aliás a dúvida, mas o próprio pensamento” (Comte-Sponville, 2005, p. 18).

2.2 FILOSOFIA E COTIDIANO

A vinculação da filosofia com o cotidiano é fundamental para a sua compreensão. Não significa dizer: compreendido o contexto, conseqüentemente está compreendida esta mesma filosofia. Significa dizer que o contexto é o pontapé, a origem. Não somente o ponto de largada da investigação filosófica, mas também aquilo para o qual ela se volta. Afinal, ela é mais uma reflexão do que uma aplicação do conhecimento.

A preocupação nesta seção é dizer do surgimento da filosofia, mas não em sua origem cronológica da filosofia. De fato, a história da filosofia não pode ser descartada ou tida como

superada. A dinâmica entre filosofia e sua história é parecida com aquela observada nas artes: não se diz que algum artista ou movimento superou o anterior, pois em ambas as áreas não há noção de progresso, diferente do que ocorre na ciência e sua história⁷. Dizemos que a ciência elaborada por Newton tornou obsoleta aquela proposta por Ptolomeu, mas não dizemos que Almeida Júnior superou Monet. Em filosofia, assim, não dizemos que Nietzsche tornou Platão irrelevante, ou que Descartes superou toda a filosofia medieval. A história da filosofia não é a história de seu progresso, mas “de seus conflitos, de suas criações (ao passo que se falará, no caso das ciências, de descobertas), de suas obras” (Comte-Sponville, 2005, p. 27). Na história das ciências são observadas várias questões superadas e formas ultrapassadas de lidar com as questões científicas. Já na história da filosofia, o que se tem são possibilidades para os problemas e metodologias das mais variadas. É, enquanto apenas história, uma narrativa objetiva dos fatos, que busca a neutralidade e a informação. Todavia, para compreender o conteúdo dessas narrativas, é preciso ter um posicionamento crítico, envolvendo a compreensão e interpretação das obras lidas. Dito de outra maneira, é preciso filosofar sobre a história da filosofia para se apreender a sua história adequadamente.

Já que não se trata de sua origem histórico-cronológica, o intuito é mostrar como o filosofar surge. Em primeiro lugar, a filosofia emerge do mundo do trabalho (Pieper, 2014). É a própria vida cotidiana, que é sempre um ou outro cotidiano, para depois transcendê-lo. É de algum cotidiano que surge a filosofia, que se manifesta sempre de maneira singular, situada temporal, espacial e culturalmente. Faz-se necessário, assim, falar do cotidiano. É o conhecido dia-a-dia, que possui necessidades imediatas de experiência física e de nosso convívio em sociedade. Essas demandas são de caráter impositivo e são inseparáveis do ser humano, tais como a necessidade de se alimentar, de locomoção, de trabalhar... de se manter vivo na sociedade, em outras palavras. As questões e respostas que daí surgem têm em vista suprir o imediatismo que requerem, em que o valor de algo é visto como sua capacidade de ser útil

⁷ A questão sobre o progresso em ciências não deixa de ser problemática. Pensar a história da ciência como progressiva é uma visão de construção linear da mesma, o que é questionado por filósofos e historiadores da ciência. Essa noção advém, segundo Thomas Kuhn (2013), sobretudo do próprio ensino das ciências. Esse ensino arma o estudante de ciências com base na ciência feita em seu período, conforme seu paradigma, no vocabulário do autor. Os paradigmas científicos anteriores são abandonados, e ao estudante de ciências cabe apenas a tarefa de se inteirar, através de manuais, do paradigma vigente e dele apenas. Nessa transmissão, por meio de manuais, “decorre, em alguns casos, uma distorção drástica da percepção que o cientista possui do passado de sua disciplina. [...] O cientista vê esse passado como algo que se encaminha, em linha reta, para a perspectiva atual da disciplina. Em suma, vê o passado da disciplina como orientado para o progresso” (Kuhn, 2013, p. 180). Essa noção de progresso questionável em ciências é utilizada neste trabalho somente com o viés de mostrar como é a dinâmica da história da filosofia, não sendo defendida pelo autor do mesmo.

naquele momento. Algo que não é útil, nesse âmbito, acaba por se tornar retardante do fluxo imediato do cotidiano.

Então, em meio a esse cotidiano que perfaz e faz o ser humano, alguém faz uma questão como: O que é a vida? Essa pergunta em nada auxilia o andamento do dia-a-dia, na verdade até mesmo o atrapalha, já que se gastará tempo e energia valiosos para suprir as demandas necessárias. É desse tipo de questão que se trata a filosofia. Não é o caso que as questões filosóficas sejam de alguma forma superiores às questões do cotidiano, por mais nobres que sejam. Contudo essas questões não pertencem ao nosso cotidiano: elas estão para além dele, no sentido de fora dele. Surgem dele para olhar sobre ele mesmo.

Nesse sentido, é possível mostrar duas faces da filosofia: o lado negativo – da inutilidade – e o lado positivo – da liberdade (Pieper, 2014). Trata-se, em verdade, de apenas uma única face, pois quando dizemos que a filosofia é inútil, estamos dizendo que ela é livre. Por ser necessariamente livre, ela é inútil. Esse aspecto ultrapassa as demandas do cotidiano, pois ela não pertence a ele, embora dele surja. Ela serve para e à nada, com fim em si mesma. Quando a filosofia é utilizada para alguma finalidade fora dela mesma, não se faz mais filosofia, já que a preocupação não se torna mais a investigação da realidade e sim uma validação de determinada visão de mundo.

Da vida corrida e necessária do cotidiano, a filosofia pode surgir de várias maneiras. Longe dos limites desse trabalho está a tentativa de apontar todas elas, pois o que leva alguém a buscar o esclarecimento de algo é de caráter subjetivo e cada caso é único. Contudo, ao ser entendida como investigação do cotidiano, ela deriva de um sentimento de não conformismo com ele mesmo.

Surge, portanto, de uma certa estranheza em relação ao mundo que lhe foi herdado. Aos poucos, o ser humano se acostuma com o mundo que o cerca. As coisas deixam de ser novidades e passam a ser comuns, sem graça, como óbvias:

Nos primeiros anos de vida, somos levados a fazer inúmeras perguntas porque as coisas se apresentam como que subitamente diante de nós. A pergunta é mais modulação de surpresa frente ao aparecer inesperado, é mais exclamação emocional que desejo de saber. [...] Aos poucos, porém, a criança vai assimilando uma determinada interpretação, aquela precisamente do mundo em que vive. Isto significa que tudo é percebido a partir de uma totalidade (instância de saber ou poder), onde cada coisa ocupa seu lugar certo e necessário: tudo é previsível. Essa totalidade invade de tal maneira as coisas, cada coisa em particular, que lhes tira a estranheza primeira de seu aparecer e estar-aí de que a criança se sentia tão cativa nos primeiros anos de vida. A formalização do conhecimento, a elaboração de conceitos ordenados em sistemas ou estruturas intelectuais, distancia o pensamento das coisas naturais (Buzzi, 1983, p. 162-163).

O olhar filosófico é similar ao olhar da criança. Ela não toma nada como óbvio pelo fato de ainda não ter assimilado nenhuma interpretação ou suposição amadurecida sobre o mundo. Mas o mundo do cotidiano, como visto, requer menos questionamentos e mais respostas, requer mais utilidades e praticidades. Seu fluir se dá por intermédio de medidas imediatas para questões imediatas. O dia-a-dia é marcado pela mesmice da rotina. Os dias tendem a ser semelhantes. A familiaridade que o define tende a torná-lo enfadonho. O olhar filosófico olha para aquilo que é tido como usual como se fosse novo. De fato, a criança o faz por inocência e ingenuidade. Já aquele que filosofa tem que escolher, ou é compelido mediante um abalo, olhar para a mesmice de outra forma que não a habitual, buscando pôr de lado os pressupostos, mesmo que por um breve período. A filosofia pensa a realidade presente. O filosofar se volta para o cotidiano mesmo, pois a “presença da realidade estimula o pensamento a pensar e a fazer filosofia. Não a presença miraculosa nem extraordinária, mas a que vivemos e nos é conhecida no familiar dos costumes” (Buzzi, 1983, p. 147).

Essa atitude, esse posicionamento, esse surgimento da filosofia, foi denominado de admiração pela filosofia ocidental: “Esta emoção, a admiração, é própria do filósofo: nem tem a filosofia outro princípio além deste” (Platão, Teeteto, 155d). A admiração (com a mesmice) é o ponto chave da origem da filosofia, em que tudo se torna novo, no sentido de livre das amarras das pré-suposições. Mas, não somente a filosofia pode surgir daí. Ao estranhar o mundo e admirá-lo, adentra-se em um campo fora daquele do trabalho, isto é, um campo fora do cotidiano. Esse campo é o do abalo do cotidiano. Também é o campo do artista, da religião, do abalo perante o amor ou diante da morte (Pieper, 2014). Elas consistem em atividades livres, com fim em si mesmo, não meios para algo. Inclusive, achar uma finalidade para essas atividades, como já discutido, seria praticar versões deturpadas de sua liberdade que a caracterizam, como poetizar com fins de promover determinada visão de mundo ou amar para um fim.

Negar a transcendência que lhes é própria, aliás, própria do ser humano, é dizer que a ele só pertence o mundo do trabalho. Cada vez mais o ser humano se vê ameaçado pela totalização de seus mundos em um só, o do cotidiano. Todavia, isso culmina em enrijecer o pensamento, cortar-lhe as asas, colocá-lo em gaiolas das certezas das pressuposições absolutas, incontestáveis.

2.3 FILOSOFIA E UNIVERSIDADE

Não há como falar de filosofia hoje sem falar das universidades, já que a produção filosófica atual é destinada ao público universitário, o principal e quase exclusivo público. Os interessados na elaboração e leitura de textos filosóficos são aqueles que se ocupam da filosofia. Ocupados são aqueles que têm como ofício algo que pelo menos esbarra na filosofia. A universidade é o local em que a filosofia se torna profissionalizada, com os moldes de um curso superior.

Edmundo H. Dreher afirma que há duas possibilidades de modos de filosofar: a do filósofo amador e a do filósofo profissional. O primeiro diz o filosofar pautado pelo acaso, pela falta de ordem na aquisição das produções filosóficas, em um movimento similar ao de uma borboleta em busca de néctar. O segundo traz um filosofar a partir de uma sistematização da produção filosófica e uma aquisição metódica dessa produção (Dreher, 1977).

Uma sistematização da filosofia significa uma organização da produção filosófica e transmissão dela de maneira ordenada, isto é, há um planejamento, uma elaboração, uma execução e uma avaliação dela. O filosofar, que seria uma predisposição possível a todos os seres humanos como uma forma de lidar com o desamparo da finitude, passa a ser uma transmissão de “um conjunto de conhecimentos históricos e técnicas de abordagem” (Cabrera, 2013, p. 26). Compreendido como uma tarefa essencialmente questionadora, problematizadora, investigadora, o filosofar passa a ser um domínio de catálogos de modelos filosóficos. Ao invés de questionar, mostra questões. Ao invés de investigar, mostra investigações. A admiração gerada pelo abalo ante a finitude “fica como disfarçada numa maneira aparentemente firme, segura e técnica de ‘dominar os assuntos’ e construir argumentos” (Cabrera, 2013, p. 22).

Aqui, não se pretende criar um antagonismo para com a filosofia profissionalizada, a filosofia produzida pelas universidades, afirmar que ela consiste em uma perversão do conhecimento, dos saberes, da reflexão sobre eles. Para entender a universidade, é necessário compreendê-la como uma parte da sociedade. A universidade não é um oásis da sociedade e de suas demandas, tampouco aquela é uma pura reprodução dos desejos dessa. O movimento entre elas é dialético, em que se moldam mutuamente (Coelho, 1980).

A universidade não está dentro da sociedade: ela é a sociedade, pertence à sociedade, é uma manifestação da sociedade. A universidade não pode se manter alheia ao que ocorre na vida “fora” dela mesma, da sociedade, pois não se tratam de duas realidades distintas sob uma relação de autonomia, com relações aqui e acolá. Tampouco a universidade é uma mera consequência da sociedade, subordinada às suas demandas. Ao mesmo tempo que a

universidade reproduz o que ocorre na sociedade, ela pode contribuir para a sua transformação. A universidade consiste em uma manifestação da sociedade. Uma vez que estão intrinsecamente interligadas, como um membro ao corpo, para pensar a universidade, faz-se necessário pensar a sociedade atual.

A contemporaneidade é marcada por um projeto de assegurar e controlar toda a realidade, tornar o ser humano o senhor da Terra, de dominação de tudo. Isto através do “autosseguramento da ciência e controle da técnica – vontade de querer a si mesma e a seu poder, ou melhor, e à potencialização sempre crescente deste poder” (Fernandes, 2016, p. 63).

Para isso, a contemporaneidade altera a compreensão do que é ciência e técnica: não está preocupada em observar, estudar ou analisar a realidade, mas “a constrói intelectualmente e experimentalmente nos laboratórios” (Chauí, 2001, p. 23). A realidade se mostra como dispositivo, disponibilidade para esse projeto. O que está em jogo não é investigar um determinado objeto ou fenômeno, mas torná-lo explorável, valorado sob o viés da mercadoria. É o período de vigência da técnica, entendida como asseguramento de tudo, inclusive de si mesma:

Trata-se da intenção de absoluto latente na vigência da técnica, tomada não como instrumento do homem, mas modo de ser do homem e da sua experiência da verdade, a serviço do ser ou entidade do ente caracterizada pela vontade de poder e vontade de vontade que se concretiza como imposição ao real e dominação, senhorio, do homem sobre a Terra (Fernandes, 2016, p. 63).

Nesta visão de mundo técnico-científica, o ser humano passa a ser visto não como agente, mas como outro dispositivo a ser explorado. Passa a ser um servo do projeto de torná-lo senhorio da Terra, servindo como dispositivo a ser explorado. Diante das facilidades, criações, descobertas e inovações, o projeto de dominação da realidade é visto por ele como progresso. O próprio corpo humano se molda através da técnica, onde as limitações humanas são superadas através de criações de instrumentos que facilitam diretamente o cotidiano. Diante das comodidades e confortos proporcionados pelos objetos tecnológicos, o ser humano se confunde em relação à natureza deles. Crê, por exemplo, que o celular comunica ao invés de facilitar a comunicação. Crê, também, que o automóvel é transporte e não um meio de transporte, “e se é vergonha o cavalo conduzir o cavaleiro, maior vergonha é a do homem, de corpo enferrujado e mente atrofiada, usar o mundo das máquinas” (Buzzi, 1984, p. 138-139).

O que dita esse projeto de dominação é a própria ideologia atualmente dominante: o neoliberalismo. Neoliberalismo é o nome do conjunto de teorias que fundamentam o livre mercado. Livre mercado é uma construção política-cultural e jurídica, por meio do campo

político ou ações espontâneas, em que tem como base a regulação da economia ditada somente por ela mesma. Há a introdução da lógica de mercado no mundo da vida: a relação entre as pessoas e as organizações públicas estão sob o viés da concorrência e do individualismo, assim como ocorre nas empresas. São atribuídas funções ao mercado que não são dele (Almeida, 2021). O Estado é reduzido a barganhador e negociador das operações do capital (Chauí, 2001). O modelo de mercado é aplicado a todos os âmbitos da vida social. Há uma generalização da forma mercantil da vida. Viver é buscar uma meta. O Estado é mediador e garante o bom fluxo da economia, mais do que seu regulador. É estrutural: tudo e todos estão submetidos a essa ideologia, em que “tudo é disposto para que os fluxos hegemônicos corram livremente, destruindo e subordinando os demais fluxos. Por isso, também, o Estado deve ser enfraquecido, para deixar campo livre (e desimpedido) à ação soberana do mercado” (Santos, 1998, p. 33-34).

A exposição sobre o neoliberalismo tem como objetivo elucidar a mentalidade da sociedade atual. Não se pretende, aqui, uma discussão pormenor do neoliberalismo, apenas no que é tocante a este trabalho: como a universidade se insere num contexto neoliberal. Duas são as possibilidades de pensar a universidade sob o viés do mercado mundial: universidade como organização ou instituição.

Universidade como organização é aquela:

(...) entregue à Lógica das empresas, dos objetivos, do funcionamento, da eficiência, da produtividade, e à prática do controle, da avaliação, da gestão, bem como aos encantos da tecnociência e das *novidades* da tecnologia, aos interesses do capital, enfim, ao império da instrumentalidade, do não-pensamento, do aprender a fazer, do treino da mente e do corpo (Coelho, 2016, p. 93).

Ela tem o objetivo de repassar o saber de interesse do mercado, com proposta de qualificar a mão de obra: o discente é um operário; o ensino, um treinamento; o saber está consolidado e morto; não interessa as possibilidades nem a reflexão sobre o saber, sobre a realidade em si mesma. Por fim, a realidade já está esclarecida: é um dispositivo, aquilo que está disponível para a exploração, pensada pela mentalidade da mercadoria.

A metodologia da universidade como organização é a da educação bancária (Freire, 2015). O ensino concebido dessa forma se faz por meio da narração: há aquele, o educador, que sabe e passa o conteúdo para aqueles que não sabem, os alunos. Cabe ao educando somente receber o que foi dito e não manusear o conteúdo de quaisquer maneiras: “em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem” (Freire, 2015, p. 80).

A universidade como instituição, por sua vez, lida com o saber humano de maneira a viabilizar sua ampliação, sua reflexão e sua revisão, com cuidado não só com a maneira como o saber se manifesta em sua atual forma, mas também com seu passado e suas possibilidades de projeção futura. Enquanto instituição, a universidade se constitui:

(...) como prática social de busca, ensino, compreensão e aprendizado, enfim, de investigação e transmissão crítica do legado cultural da humanidade, ‘a universidade é inseparável da ideia de uma transcendência do mundo do espírito, da ciência e da cultura, e da exigência da unidade que lhe é própria (Coêlho, 2016, p. 92).

O saber, assim compreendido, é dinâmico, vivo, é um fim em si mesmo e não um meio para algo, principalmente meio para finalidades impostas pelas demandas do mercado. É visto como em construção e não acabado, perfeito ou morto. O educador não narra o conteúdo e o despeja sobre o educando, mas dialoga com ele:

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais (Freire, 2015, p. 108).

Enquanto instituição, a universidade concebe a educação como formação, que diz respeito à “incansável busca da verdade, o cultivo da dúvida, das ideias, dos conceitos, dos argumentos, da teoria, do saber com o qual se trabalha e cuja compreensão e superação se busca” (Coêlho, 2013, p. 101). Aqui, são formados não meramente trabalhadores qualificados, mas seres humanos pensadores, humanizados.

Não é interessante para o mercado uma universidade como instituição. Uma instituição põe em questão o mercado. O questionamento não faz parte do mercado. É o mundo das produções imediatas e dos operários. Não há o pensar em uma sociedade neoliberal, pois o pensamento, entendido aqui como pensamento livre e reflexivo, que pensa tudo e até a si mesmo, vai contra o movimento da mercantilização da vida, de assegurar a realidade para explorá-la. Benéfico para esta ideologia é o conformismo, a naturalização da exploração a partir de sua aceitação.

A sociedade e sua ideologia neoliberal olham para as universidades e se perguntam: o que é possível extrair delas como mercadoria? Ou ainda, como as universidades podem auxiliar no projeto de assegurar tudo, mostrando-se como dispositivo? As produções da universidade, sob esta lógica, “serão reduzidas a serviços encomendados cujos critérios, objetivos, padrões, prazos e usos não serão definidos pelos próprios pesquisadores, mas pelos ‘mecenass’” (Chauí,

2001, p. 166). Daí que a privatização aparece como destino quase obrigatório para as universidades, que atenderão exclusivamente aquilo que seus patrocinadores exigirão, onde são destruídas tanto a autonomia da universidade quanto a sua dimensão pública (Chauí, 2001).

Não é muito difícil imaginar que demandas teriam as ciências naturais ou até mesmo as formais. É fácil conceber as demandas que teriam, sob essa perspectiva, a engenharia da computação, a biologia ou até mesmo a matemática. Mas e quanto à filosofia? Que demandas ela teria? Como poderia ser pensada como mercadoria?

Foi exposto que o filosofar é necessariamente inútil, portanto incondicionalmente livre. Ele é radicalmente investigador, até mesmo do meio o qual emerge. Essa liberdade inútil não pode ser moldada no viés da mercadoria. Não só o filosofar escapa do projeto de totalização do real sob a perspectiva da mercadoria como ele também o incomoda. Incomoda pela sua desvelação, que traz à tona aquilo que está velado. No caso desse projeto, é de extrema importância que ele permaneça velado, ocultado sob o viés do progresso ou da modernização. Dessa forma, o filosofar não somente escapa e incomoda, mas ele também ameaça. Segundo Resende:

Ameaçamos porque questionamos o que é conhecimento e negamos que ele seja o que nos instrumentaliza para possibilitar resolver questões, organizar a vida, as coisas, as pessoas, planejar, prever resultados, projetar possibilidades, nos adaptar e resolver problemas respondendo de maneira adequada às demandas e fazendo funcionar bem o aparato social. [...] Questionamos o conhecimento que dispensa e interdita a participação do sujeito no acontecimento. [...] Também ameaçamos quando estudamos e ensinamos que a razão se tornou algo totalmente apropriado pelo processo social. Seu valor operacional, seu papel no domínio dos homens e da natureza, sua utilidade tornou-se o único critério para avaliá-la. [...] Ainda ameaçamos quando resistimos à 'cultura' média de estereótipos, preconceitos, mentiras, engodos e mistificações que são ofertados e devem ser consumidos imediatamente e sem dificuldades por todos, visando não a formação humana, mas à adaptação do indivíduo aos valores do lucro, da competição e do sucesso individual, por um lado, e aos interesses e exigências do mercado e dos limites da realidade, por outro. [...] Ameaçamos também quando ensinamos e aprendemos que a universalização de um modo de produção é a universalização de estruturas e processos de produção material e econômico, mas é também mais que isso, trata-se da universalização de uma forma de produzir a vida, as relações, os valores, os procedimentos e formas de ser, pensar, valorar, viver e agir. [...] Ameaçamos, sim, quando compreendemos que o processo de expansão combinado com a concentração ou a vocação apátrida do desenvolvimento do capital, quando analisados com rigor científico, revelam que este não é um processo homogêneo, não é uniforme, não atinge todos os que vivem no mesmo país, significando o reforçamento dos mecanismos de elitização e de exclusão, num processo de universalização da desigualdade e consolidação das formas de exclusão de muitos e de inclusão de muito poucos. Ameaçamos quando ensinamos que a tensão entre as exigências da condição humana (e sua dimensão universal), a forma histórica particular da nossa sociedade que media a constituição do sujeito individual não pode se resolver no indivíduo isolado. [...] Ameaçamos ainda quando ensinamos que essa 'loucura' do mundo em que vivemos não é uma catástrofe irracional. Ao contrário, é expressão objetiva da racionalidade que se tornou dominante e é necessária à manutenção e ocultamento de suas verdadeiras origens. [...] Ameaçamos porque sabemos que o que se contrapõe em diferentes interpretações da realidade não são

narrativas que se equivalem. O que está em causa é a verdade, o desvelar da realidade ou o seu ocultamento. [...] Ameaçamos porque compreendemos que o presente só se realiza a partir da herança que herdamos do passado. [...] Ameaçamos porque sabemos que o conhecimento da realidade só se efetiva enquanto práxis. [...] Ameaçamos porque as humanidades não são, definitivamente, funcionais ao aparato social (Resende, 2020, p. 250-256).

A filosofia, assim como as humanidades, as artes, a literatura, são vistas como subversivas pois não se deixam controlar e colocam sob questão o controle. São ameaças para aqueles que pregam a ignorância. Elas permitem que o ser humano seja humano: um ente pensador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentimento de distância com o cotidiano, com a sociedade, não é um fenômeno exclusivo da atualidade. O texto *Teeteto*, de Platão, narra uma passagem em que Tales de Mileto, o “primeiro” filósofo, estava olhando para o céu contemplando os astros e acabou caindo em um poço. Uma mulher que presenciou o ocorrido zombou o filósofo, pois seu anseio de conhecer mais sobre o céu o cegava para aquilo que estava diante de seus próprios pés (*Teeteto*, 174a-c).

Esta passagem mostra que o filósofo, desde sua manifestação mais originária, é entendido como aquele que tem pouco ou nenhum interesse no mundo do cotidiano, no mundo do trabalho, no mundo dos negócios. Está preocupado com questões alheias ao dia-a-dia. Vive com a cabeça nas nuvens.

A falta de utilidade da filosofia é muitas vezes interpretada como pejorativa, como uma falha, como um empecilho que se contrapõe ao movimento da vida em sua manifestação cotidiana. Como o mundo do trabalho é pragmático e utilitarista, é possível atribuir ao inútil um valor negativo.

As universidades, enquanto instituições, também se tornam alvo das mesmas críticas, já que são elas o arauto da filosofia, das humanidades, da cultura, do pensar livre, da formação e da emancipação. Essa é uma universidade desatualizada, dizem os homens de negócio. É preciso uma atualização. É preciso uma modernização, trazer as novidades, as atualidades, as tecnologias para dentro da universidade. Mas as universidades não se deixam atualizar, mesmo quando os seus “mecenas” as punem com cortes de verba, pois sabem que isso significa a sua morte, significa o fim da instituição e a ascensão da organização.

Essa atitude de não se deixar controlar incomoda. Incomoda à sociedade. Mas incomoda ela mesmo ou incomoda a quem quer que a sociedade se molde e se mantenha nos moldes do poder vigente? Ela não só incomoda como também ameaça, como foi exposto. Não só a universidade incomoda, como a filosofia, como o pensar livre incomoda. Assim, o pensamento liberto, emancipa, permite que o ser humano seja capaz de enxergar a realidade a partir de suas possibilidades, e não uma realidade fatalista.

Mostrar a filosofia, o filosofar, de maneira legítima e onde quer que seja feito, é mostrar que o ser humano não está condicionado às suas fatalidades, por mais fatais que sejam. É permitir que o ser humano seja aquilo que é em sua natureza: abertura livre para ser. Mostrar que o ser humano pode ser é muito mais digno do que mostrar a ele o que deve ser, qual é o seu lugar.

Mesmo que seja mais fácil e cômodo deixar que os outros pensem e somente segui-los, todos são capazes de pensar por si mesmos, de exercer a sua humanidade. Todos podem exercer a filosofia, buscar o esclarecimento quanto aos mistérios da realidade.

A realidade já é misteriosa por si mesma, não é preciso ocultá-la mais ainda por meio de discursos obscuros. Como um discurso esclarecedor, a filosofia deveria desvelar a realidade que se oculta de maneira acessível, clara, fácil e mais direta o possível.

Assim, retornando à introdução do trabalho, a exposição aqui pretendeu apresentar, de maneira clara e suficiente, ao atendente da lanchonete o que é filosofia: sua natureza, suas características, de onde ela vem e para o que ela se volta, bem como sua situação atual. Caso ele tivesse a oportunidade de ler este trabalho como resposta à sua pergunta “O que é filosofia?”, talvez tivesse suscitado mais questões do que respostas ao problema, o que poderia ser considerado uma vitória muito maior do ponto de vista da atividade filosófica, questionadora por excelência.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALMEIDA, Sílvio. **O que é o neoliberalismo? Sílvio Responde**. [out. 2021]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sjG5JgpzA>>. Acesso em 2 jun. 2023.

BUZZI, Arcângelo. **Introdução ao pensar**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1983.

CABRERA, Júlio. **Margens das filosofias da linguagem**: conflitos e aproximações entre analíticas, hermenêuticas, fenomenologias e metacríticas da linguagem. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003. ISBN 85-230-0739-3. Disponível em: <<https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/view/53/194/870>>. Acesso em: 15 maio 2023.

CABRERA, Júlio. Europeu não significa universal, brasileiro não significa nacional: (Acerca da expressão “filosofar desde”). **Nabuco – Revista Brasileira de Humanidades**, n.º 2, nov. 2014/janeiro e fevereiro de 2015. ISBN 978-85- 68289-01-3. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18028/1/ARTIGO_EuropeuNaoSignificaUniversa1.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2023.

CABREIRA, Júlio. **O cinema pensa**. Uma introdução à filosofia através dos filmes. Ed. Rocco Digital. Disponível em: <<https://media.oiiipdf.com/pdf/bed566a9-09dc-437e-a978-e7097f4ea642.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

CHAUI, Marilena de Souza. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001. ISBN 85-7139-327-3. Disponível: <<https://uspcf.files.wordpress.com/2011/11/escrito-sobre-a-universidade.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2023.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Formar professores para outra escola. In: COÊLHO, Ildeu Moreira (org). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p.101.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Universidade Atual e comunidade brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 35, p.73-76, 1980. Disponível em: <<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1650>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

COMTE-SPONVILLE, André. **A Filosofia**. Tradução: Joana Angélica D’Avila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DREHER, Edmundo H. **O que é Filosofia?** Curitiba: Gráfica Vicentina, 1977.

FERNANDES, Marcos Aurélio *et al.* Técnica, pensamento, paideia. In: COÊLHO, Ildeu Moreira; MAGALHÃES, Rita Márcia Furtado. (Org.). **Universidade, Cultura, Saber e Formação**. 1ª edição. Campinas SP: Mercado das Letras, 2016, v. p. 47-86.

FERNANDES, Marcos Aurélio. Da experiência fática da vida como mística: esboço de uma redução fenomenológica ao mistério. **Quadranti - Rivista Internazionale di Filosofia Contemporânea**, v. 8, p. 234-261, 2020. Disponível em: <https://rivistaquadranti.eu/riviste/10/11_Fernandes.pdf>. Acesso em: 21 maio 2023.

FILOSOFIA. In: Dicionário Houaiss Online de Português. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1>. Acesso em: xx jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, F.L. C.; MAQUINE, L. S. O conceito de filosofia como problema filosófico no ensino médio. **Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2018. DOI: 10.21680/1984-3879.2018v18n2ID15151. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/15151>>. Acesso em: 25 maio 2023.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Filosofia**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Revisão técnica: Tito Lívio Cruz Romão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. — 12. ed. São Paulo: Perspectiva: 2013. ISBN 978-85-273-0111-4. Disponível em: <<https://ppec.ufms.br/files/2020/10/A-estrutura-das-revolu%C3%A7%C3%B5es-cient%C3%ADficas-Kuhn.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

LOPES, Daniel R. N. (org). **Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton de Platão: Obras IV**: Tradução: Daniel R.N. Lopes e Francisco A. N. Barros (Eutífron). São Paulo: Perspectiva S/A, 2023.

MOURA, Breno Arsioli. O que é Natureza da Ciência e qual sua relação com a História e Filosofia da Ciência? **Revista Brasileira de História da Ciência**. Rio de Janeiro, v.7, n. 1, p. 32-46, jan/junho 2014. Disponível em: <<https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/237/189>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: Como alguém se torna o que é**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução: Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Penguin, 2016.

PLATÃO. **Teeteto**. Tradução: Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

PIEPER, Josef. **O que é filosofar?** Tradução: Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PORTA, Mário Ariel González. **A filosofia a partir de seus problemas: didática e metodologia do estudo filosófico**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo; HUCITC, 1998.